



Anais da Assembléia

Nº 100

CURITIBA, TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1981

ANO VI

3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA

ATA DA SESSÃO ESPECIAL

REALIZADA EM 25 DE AGOSTO DE 1981

(TERÇA-FEIRA)

Presidência do Sr. Deputado João Mansur, secretariada pelos Srs. Augusto Carneiro e Tadeu Lúcio Machado.

Às 14,30 horas é registrada a presença dos seguintes Srs. Deputados: João Mansur, Gilberto Carvalho, Fiori Luiz, Augusto Carneiro, Nilso Sguarezi, Ezequias Losso, Edilson Alencar, Adalberto Daros, Aguinaldo Pereira Lima, Airtton Cordeiro, Antônio Cotrim, Dácio Leonel, Darcy Deitos, David Cheriegate, Del Ciel, Deni Schwartz, Egon Pudell, Erondy Silvério, Fidelcino Tolentino, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Gabriel Sampaio, Gernote Kirinus, Gilberto Agibert Filho, João Elísio, José Domingos, José Domingos Scarpellini, José Tavares, Jurandir Messias, Lázaro Dumont, Leônidas Chaves, Lineu Turra, Luiz Alberto de Oliveira, Mário Celso, Nelson Friedrich, Nelson Buffara, Nestor Baptista, Palácios, Paulo Camargo, Pinto Dias, Quielse Crisóstomo, Renato Bueno, Renato Bernardi, Romero Filho, Rosário Pitelli, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Túlio Zanchet, Valduga, Waldyr Pugliesi, Werner Wanderer, Wilson Fortes, Antônio Facci, Basílio Zanusso, Carlos Zanlorenzi e Cyro Martins (58). Presentes ainda, diversas autoridades civis, militares e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Sob a proteção de Deus, declaro aberta a Sessão Especial Comemorativa ao Centenário do Almirante DÍDIO IRATYM AFFONSO DA COSTA.

Para receber e acompanhar até este Plenário Sua Excelência o Sr. José Hosken de Novaes - Vice-Governador, representante de Sua Excelência o Senhor Ney Aminthas de Barros Braga, digníssimo Governador do Estado, designo uma Comissão integrada pelos Senhores Deputados Fuad Nacli, João Elísio, Carlos Zanlorenzi e Pinto Dias.

Suspendo a Sessão por alguns instantes até a chegada de Sua Excelência.

(É suspensa a Sessão).

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Está reaberta a Sessão.

Esta Presidência tem a satisfação de anunciar a composição da Mesa:

Excelentíssimo Senhor José Hosken de Novaes - Vice-Governador do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência Governador Ney Braga;

Sr. Deputado João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Desembargador Heliantho Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Dídio Costa da Rocha Loures, representante da Excelentíssima Família do Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa;

Excelentíssimo Senhor Doutor Clodomir Costa Lima, Presidente do Tribunal de Alçada;

Excelentíssimo Senhor Deputado Augusto Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Deputado Tadeu Lúcio Machado, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Coronel Mateus Monte Serrat, representante de Sua Excelência o Senhor General Paulo Campos Paiva, Comandante da 5.ª Região Militar e 5.ª Divisão de Exército;

Excelentíssimo Senhor Tenente Antônio Paulo Talina Barreira, representante de Sua Excelência o Capitão de Fragata Ronald Rocha Barros, Capitão dos Portos do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Doutor Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência o Senhor Engenheiro Jayme Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba.

Convido os representantes a ouvirem o Hino Nacional, executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado.
(É executado o Hino Nacional).

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Renato Loures Bueno, para falar em nome do Poder Legislativo.

O SR. RENATO LOURES BUENO — (Lê):

Excelentíssimo Senhor Doutor José Hosken de Novaes, Vice-Governador do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência Governador Ney Braga.

Excelentíssimo Senhor Deputado João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Heliantho Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Doutor Dídio Costa da Rocha Loures, representante da Excelentíssima Família do Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa.

Excelentíssimo Senhor Doutor Clodomir Costa Lima, Presidente do Tribunal de Alçada.

Excelentíssimo Senhor Deputado Augusto Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Tadeu Lúcio Machado, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Coronel Mateus Monte Serrat, representante de Sua Excelência o Senhor General Paulo Campos Paiva, Comandante da 5.ª Região Militar e 5.ª Divisão de Exército.

Excelentíssimo Senhor Tenente Antônio Paulo Talina Barreira, representante de Sua Excelência o Senhor Capitão de Fragata Ronald Rocha Barros, Capitão dos Portos do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Doutor Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência o Senhor Engenheiro Jayme Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba.

Senhor Presidente,
Senhores Deputados,
Senhoras e Senhores,
Senhor representante da Família,
Professor Dídio Costa da Rocha Loures:

O dia 17 de agosto último assinalou a passagem do centenário de nascimento do Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa, um paranaense ilustre que sempre se desvelou por sua terra e a abrilhantou nas inúmeras tarefas intelectuais, militares, técnicas e políticas que desempenhou ao longo de sua proveitosa

existência.

O Paraná já deu historiadores de porte nacional ao Brasil, entre os quais releva a figura de Rocha Pombo, no início deste século.

Dídio Costa foi o continuador dessa tradição de polígrafos a serviço dos fatos nacionais.

Ao se reunir em sessão especial para reverenciar a memória de Dídio Costa, acima das disputas partidárias imediatas, esta Assembléia Legislativa marca seu desvelo em cultuar as figuras luminares da nacionalidade e do paranismo. Assim procedendo, esta Casa ajuda a construir os arcabouços de nossa estrutura sócio-cultural, porque é no exemplo dos grandes homens do passado que uma geração encontra forças para resistir às dificuldades naturais que o presente sempre impõe.

No todo nacional a reverência aos heróis, o respeito aos vultos, a rememoração dos feitos, constitui como que um cimento a amalgamar os povos e transformar um bando passageiro em uma Nação homogênea e forte.

Estado de estruturação recente, mal entrada no segundo século de vida emancipada, ao Paraná como que escasseiam figuras luminares para exercer aquela função de membros do panteão paranaense.

Dídio Costa, não hesito afirmar, foi um desses poucos!

Para prepararmos esta alocução nos socorremos de várias fontes, entre elas a primorosa biografia do patrono, traçada pelo saudoso professor Júlio Moreira, ao assumir a Cadeira de Dídio Costa na Academia Paranaense de Letras, o longo verbete ilustrado sobre Dídio Costa inserido na Enciclopédia Delta Larousse; notas trazidas por admiradores do homenageado e, principalmente, registros pessoais dele carinhosamente arquivados pela sua família através do Desembargador João Alves da Rocha Loures, do saudoso Dr. Eduardo Virmond Suplicy, dos quais era sogro, e dos filhos, os ilustres doutores Roberto e Reynaldo Faria Affonso da Costa.

Como vêem os Senhores, tive a ventura de consorciarme na família e com uma descendente do Almirante Dídio Costa. Conheci-o pessoalmente e, nos albores de minha existência, pude ouvir de seus lábios, lições sábias e conselhos profundos, que muito me auxiliaram nos caminhos da vida.

Estabelecidos os pressupostos desta solenidade, passemos a analisar a figura intelectual do gigante que foi Dídio Costa. Ainda garoto, ele teve que provar conhecimentos de Inglês e de Francês, para ingressar no Colégio Naval. O conhecimento de língua inglesa foi-lhe de muita valia, quando no desempenho de missões junto à Marinha dos Estados Unidos, como adiante veremos.

Na Escola Naval estudou Tecnologia Marítima e, no seguimento de sua carreira, realizou cursos de especialização em Artilharia Naval, Eletro-Técnica e o Curso de Comando da Escola de Guerra Naval.

Filho de um especialista em Telegrafia, tecnologia de comunicação que então dava seus primeiros passos, Dídio Costa cedo amou as artes da comunicação e da sinalização. Por isso mesmo prestou inestimáveis contribuições ao esforço de sistematização dos processos de sinalização automática da Marinha Brasileira.

Mas foi na investigação paciente dos dados geográficos e das referências históricas que se agigantou o marinheiro de Guarapuava. Sim, senhores, porque Dídio Costa nasceu, em 1881 nos sertões do interior paranaense, em Guarapuava — para onde seu pai, José de Santo Elias Affonso da Costa — fora designado, no serviço telegráfico então em implantação.

Se por parte de pai, Dídio Iratym Affonso da Costa nasceu de um tronco ilustre — descendente do Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade e do segundo Vice-Rei do Brasil, o Conde da Cunha — pelo ramo materno ele proveio das primeiras famílias de imigrantes que após a Independên-

cia subiram para o Planalto de Curitiba. Era sua mãe Júlia Guilhermina Müller Caillot, em cujas veias corria sangue francês e prussiano.

Por que Dídio Iratym? Porque seu pai, José de Santo Elias, por onde passava no seu mister de agente telegráfico, dava aos filhos como segundo nome o de um rio vizinho à cidade hospedeira. Assim, os irmãos de Dídio nascidos em Curitiba ostentaram nomes dos rios que banham a cidade de nascimento: Alcides Ivo, Calliópe Belém, Júlia Juvevê; o nascido em Paranaguá ganhou o nome de Dario Itiberê; os nascidos como ele em Guarapuava também lembravam outros cursos d'água do torrão natal: Mário Jordão, Lívio Ivaí, e Levy Iguaçu; Francisco Jejuy, o nascido no Rio Grande do Sul.

Como disse o professor Júlio Moreira, tratava-se, por parte do pai, de “impressionante oferta em retribuição ao privilégio da natividade em rincões tão lindos”.

Se Dídio Costa ligou-se ao Paraná pela maternidade e pelo nascimento, fê-lo ainda mais pelo casamento. Consorciou-se ele com dona Olívia Faria, filha do presidente Faria, que dirigira a Província do Paraná e tronco também de ilustre família paranaense.

Os primeiros estudos, fê-los Dídio Costa no regaço materno, as humanidades foram terminadas no tradicional Ginásio Paranaense da então Rua Aquidaban.

Já nessa época se manifesta o pendor literário do futuro historiador marítimo brasileiro. Dídio Iratym ajudou a fundar o Clube Literário dos Estudantes do Paraná, em 1906 e tornou-se redator do seu primeiro jornal, o qual refletindo a fogueira daqueles espíritos jovens, chamava-se “A Luta”.

Desaparecido o primeiro órgão estudantil, Dídio funda, no ano seguinte, com Alfredo Raposo, o periódico “O Farol”. Nome e artigos do nosso homenageado já apontam para a carreira que ele haveria de seguir. Há constante exaltação ao mar:

“contemplava o oceano que, sanhudo, vinha arremessar-se nos rochedos... rugia monstruosamente, ao sibilar formidável da ventura, elevando-se em líquidas montanhas e no horizonte beijando o céu negro e toldado...”

Essa fascinação pela vida no mar, levou Dídio Costa para a Escola Naval, onde se matriculou em 1899. Quatro anos depois saía, como guarda-marinha, para a carreira de oficial naval que cultivou até o fim de seus dias.

Militar de carreira, Dídio Costa foi galgando lentamente os postos do oficialato — a maioria das vezes por merecimento — ora servindo em missões de terra, ora embarcado, singrando os sete mares a bordo de navios brasileiros. Estudioso inato, inúmeras vezes esteve entre os oficiais dos famosos Navios-Escola e da Armada Nacional: o Benjamin Constant, o Primeiro de Março, o Caravelas.

Em terra, continuou ainda sua missão de educador das coisa do mar: por quatro vezes trabalhou ou dirigiu a então existente Escola de Aprendizes Marinheiros de Paranaguá.

Quando servia em Paranaguá, como Capitão dos Portos e Diretor da Escola de Aprendizes Marinheiros entrosou-se com a gente local e mostrou profundo gosto em estudar a colonização da Baía de Paranaguá e o desenvolvimento do Porto.

Por isso a gente parnanguara elegeu Dídio Costa como seu Deputado ao então Congresso Legislativo do Paraná, em fins de 1923, tomando posse em 1924.

Falemos de Dídio Costa parlamentar. Exerceu o mandato nos exercícios de 1924 - 1925 - 1926 - 1928 e 1929, tendo ocupado diversas vezes a função de 1.º e 2.º secretário.

Participou de diversas comissões da Casa, tais como a Comissão de Força Pública e a Comissão de Colonização e

Obras.

Entre os projetos de lei que apresentou está o de homenagem ao aviador espanhol Ramon Franco — comandante da famosa esquadrilha "Plus Ultra", que visitou o país em 1926.

Na Assembléia Legislativa Dídio Costa foi contemporâneo de expressivos valores de nossa vida parlamentar, como Romário Martins, Oliveira Franco, Ermelino de Leão e Aramys Athayde.

Ainda nesse período Dídio Costa foi escolhido Prefeito de Paranaguá, onde ficou até 1930.

Nessa função executiva Dídio Costa procurou fazer o que lhe era possível — e fez muito — pela cidade litorânea que sonhava com o grande entreposto marítimo do Brasil Sul. Abriu os caminhos que ligavam Paranaguá a Alexandra e Morretes, tornando transitável a rodovia até Curitiba; rasgou os caminhos para as praias atlânticas do Paraná; higienizou os pântanos vizinhos que estrangulavam o crescimento da zona urbana e, sobretudo, atacou com firmeza as obras do Porto.

Seu interesse pelas obras de construção do Porto de Paranaguá, que se arrastavam há décadas, fez com que o então presidente do Estado do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha, o nomeasse Diretor Técnico das Obras do Porto. Nesse mistério Dídio Costa mais uma vez se desvelou, instalando os primeiros caixões de concreto que constituem ainda hoje a plataforma de ancoragem dos navios.

Da pesquisa que fizemos de sua obra como operoso Prefeito de Paranaguá destacamos sua visão ao apoiar, em 1928, a iniciativa do então presidente estadual Afonso Alves de Camargo, de criar o Banco do Estado do Paraná. Como a Câmara Municipal estava em recesso, Dídio Costa tomou a si a responsabilidade de acorrer ao pedido do governador, com uma subscrição de ações em nome do Município, justificando-a pormenorizadamente quando a Edilidade se reinstalou.

Dizia, então: "A criação desse instituto de crédito vem preencher uma lacuna no aparelhamento econômico".

O Município de Paranaguá subscreveu 30 contos de réis para a formação dos fundos do Banco e, inspirados nesse exemplo, os comerciantes da praça de Paranaguá logo acorreram com seus recursos, subscrevendo mais 200 contos de réis.

Era a visão do homem de Estado, que sobreleva o amanhã.

O Dídio Costa interessado nas coisas paranaenses se revelava. Por essa época, ele passou a estudar a potencialidade de Paranaguá como "ponto inicial do caminho mais curto do oceano à bacia do Paraná, através de regiões de largas possibilidades" e "porto marítimo equidistante da capital do país e da fronteira do Paraguai".

Em sua obra "Tricentenário de Paranaguá", editada pela Imprensa Naval, Dídio Costa defendia sabiamente o estatuto especial de Paranaguá como um dos mais importantes portos brasileiros. Seus estudos serviram de base para as obras que, já em nosso tempo, acabaram sendo ali construídas, como o Grande Terminal Graneleiro e o Corredor de Exportações, que transformaram Paranaguá no "Superporto" sonhado pelo nosso homenageado há décadas.

É também de Dídio Costa a iniciativa da luta por uma conquista que os paranaenses ainda não viram efetivada: a Ferrovia da Soja, que ele chamava de "A Estrada do Paralelo Médio". Em publicação do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, de 1925, Dídio Costa insistia na importância dessa ligação Paranaguá-Curitiba-Guarapuava-Foz do Iguaçu.

Aliás, o interesse de Dídio Costa pela ligação entre Paranaguá e fronteira paraguaia, por uma ferrovia, foi recentemente destacado nesta Casa, em pronunciamento do ilustre

Deputado João Elísio.

Dizia Dídio Costa:

"A influência brasileira, principalmente pelo valor do país, material e historicamente, é inelutável nesta parte do hemisfério".

Na sua obra ele lutava contra as fortes influências que pretendiam, ora fazer a ferrovia Brasil-Paraguai pelo Porto de Santos; ora fazê-lo a partir de São Francisco; em Santa Catarina.

Afinal, sua tenacidade acabou vencendo. Foi um dos responsáveis — tendo encomendado mapas à sua própria custa — pela definição da ligação ferroviária com o Paraguai via Porto de Paranaguá-Curitiba-Guarapuava-Cascavel.

E mais, pregava o Almirante Dídio Costa, que a Estrada fôsse o quanto possível eletrificada, segundo a última técnica, para usar a energia hidrelétrica abundante na região — e hoje disponível com Itaipu — para transportar, rumo aos mercados externos famintos de alimentos, a soja, o milho, a carne e outros produtos paranaenses tão valiosos quanto o ouro.

Com sua visão larga, Dídio Costa preocupava-se com as questões econômicas, sociais e políticas do Cone Sul, que ele entendia estarem umbelicalmente ligadas à construção dessa ferrovia de penetração.

Desde 1922 e até quando lhe permitiam as árduas tarefas do Ministério da Marinha, através de sucessivos artigos, advogou a construção da famosa "Estrada do Paralelo Médio", via Porto de Paranaguá, como a que melhor consultava aos interesses nacionais.

Agora, decorridos 50 anos, quando o Governo da União inscreve a obra como prioritária, com o título de "Ferrovia da Soja", devemos nos lembrar da figura de Dídio Costa, que no mundo transcendental em que sempre acreditou, deve estar em espírito velando para que nossa geração promova resolutamente a edificação da Estrada do Paralelo Médio.

Essa estrada, partindo de Paranaguá, no Brasil e atingindo Antofagasta, no Chile, concluirá por estabelecer a ligação do Atlântico ao Pacífico por via ferroviária, transformando-se na obra ferroviária do Século XX, a serviço do bem-estar social e do progresso econômico dos países que ela vai beneficiar.

É de se esperar que, até em homenagem ao grande vulto que agora historiamos, não retardem as autoridades brasileiras o seu dever de dar continuidade à Ferrovia da Soja, artéria vital que afirmará a presença econômica do Brasil no vasto coração do continente americano.

Este ligeiro bosquejo nos mostra a profundidade do envolvimento de Dídio Costa nos assuntos paranaenses. Passemos agora para as outras facetas de sua existência tão rica.

Após 35 anos de serviço ativo, em 1932, Dídio Costa passou à reserva da Marinha, por força dos regulamentos navais. Era de se esperar que ele se recolhesse ao merecido repouso do lar. Mas não, logo voltou à atividade, assumindo a Chefia de Redação da Revista Marítima Brasileira, órgão de divulgação periódica do Ministério da Marinha.

Durante 20 anos, Dídio Costa supervisionou os editoriais da Revista, defendendo sempre a importância do Poder Naval para um país com a vastidão de costas oceânicas como o Brasil. Visão profética confirmada com a exposição de nossas costas, na II Guerra.

Seu entusiasmo pelo estudo das coisas do Mar o levou, em seguida, à Chefia da 4.ª Divisão do Estado Maior da Armada, depois transformada em Serviço de Documentação Geral da Marinha.

Nessa função, Dídio Costa iniciou um anuário com o título "Subsídios para a História da Marinha Brasileira". Durante 10 anos foi seu redator, preparando sistematicamente a in-

trodução de cada volume e trazendo para suas páginas “densos estudos de fundo histórico”, como referiu Pedro Calmon.

Dídio Costa mostrou ser possível examinar, quase simultaneamente, as pesadas questões de estratégia naval e, ao lado, produzir obras de divulgação dos vultos da Marinha. Ele escreveu seguidas obras de divulgação sobre personagens como Tamandaré, Barroso, Saldanha da Gama, Noronha, Marcílio Dias, para leitura de estudantes e marinheiros.

Ao mesmo tempo se debruçou sobre o passado dos grandes heróis da nacionalidade, produzindo biografias perfeitas do Almirante Noronha, do Duque de Caxias, do Almirante Barroso.

Ainda, num dos seus levantamentos dos seculares arquivos marítimos, Dídio Costa descobriu uma preciosidade: um manuscrito português datado de 1650, narrando as principais expedições da Época do Descobrimento, naquele estilo seiscentista tão arrevezado.

O manuscrito era o único existente no mundo e fôra trazido ao Brasil pela Corte Portuguesa, durante a fuga às tropas de Napoleão, no século passado.

Ele narrava, em crônicas bem documentadas, a composição das armadas, seus comandos e os principais sucessos de viagem, no período mais brilhante das aventuras marítimas lusitanas.

Inclusive o histórico da Armada que descobriu o Brasil, em 1500, liderada por Pedro Álvares Cabral, ali está lançado.

Para recuperar o precioso manuscrito seiscentista foi chamado Dídio Costa. Num trabalho de paciência, chamado por Austregésilo de Athayde de “inteligência paciente de um frade medieval”.

Dídio Costa levou meses recompondo o documento e inscrevendo, ao lado, o texto correspondente em tipos de imprensa.

A obra foi dada a lume em 1937 e um exemplar dela está à disposição dos senhores, nesta Assembléia. Aí poderemos admirar os feitos dos grandes navegadores e a contribuição feita pelo homenageado às letras históricas de Portugal e do Brasil.

Não surpreende que tal realização tenha trazido para Dídio Costa o reconhecimento dos Governos de Portugal e do Brasil, além da admiração de todo o mundo intelectual.

Outro efeito do livro foi a nomeação de Dídio Costa para a Chefia da Divisão de História Marítima do Estado Maior da Armada Brasileira.

Ao chegar o 8.º Centenário de Portugal, Dídio Costa voltou a pesquisar nos seus arquivos, produzindo dois livros: “O Brasil e o Ciclo das Grandes Navegações” e “Os Portugueses na Marinha de Guerra do Brasil”.

São fortes relatos biográficos de grandes figuras lusas que serviram à Armada Brasileira enquanto se plasmava a nacionalidade. E crônicas de feitos históricos exaltadas pelo capricho do historiador respeitado.

A tal ponto se desenvolveram esses estudos que Júlio de Andréa dele disse.

“O comandante Dídio Costa superou todos os historiadores navais que o precederam, e deu feição nova à História Marítima do Brasil”.

Na sua longa carreira literária, Dídio Costa ainda produziu outros livros, como “Aspectos”, de 1912; “O Livro do Navio”, de 1915; “Nas Águas da Gasconha”, de 1939.

São inúmeros seus artigos, escritos em quantas publicações aparecessem, mas especialmente em jornais do Paraná e órgãos especializados sobre assuntos do mar. Escrevia ora com o nome próprio, ora sob o pseudônimo de Herculano Mariz, como cita o historiador David Carneiro.

Seus temas são a respeito de assuntos do tempo, entre

eles uma vigorosa e profética condenação das doutrinas totalitárias envolvidas no nazi-fascismo, que ele chamava de “ideologia nefasta”.

Também o constante cuidado no estudo da História Marítima do Brasil.

O seu valor como homem de cultura foi logo reconhecido: no Paraná foi tornado membro da Academia de Letras, ocupando a cadeira que teve por patrono o Marechal Bernardino Bormann, herói da Guerra do Paraguai.

No Rio foi um dos fundadores da Academia Nacional de História, instalada em 1938, sob a presidência do embaixador Afrânio de Mello Franco. E onde esteve ao lado de luminares como Afonso Arinos, Gilberto Freyre, Oswaldo Orico, General Tasso Fragoso e Peregrino Júnior.

Pertenceu ainda, ao Instituto Técnico Naval, ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, ao Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, e ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, ao Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, ao Instituto de Sergipe; à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, ao Instituto Brasileiro de Cultura e ao Liceu Literário Português.

As ordens e comendas que recebeu foram inúmeras, delas se destacando: Ordem do Mérito Naval, Comendador da Ordem Militar de Aviz, de Portugal, Medalha do Serviço Militar, Medalha Militar de Ouro, Medalha Comemorativa da Proclamação da República.

Dele disse o professor David Carneiro que “grandemente concorreu para a monumental História Naval de Portugal e do Brasil”.

Ainda, como especialista técnico em comunicação naval e graças ao seu sólido conhecimento da língua inglesa, Dídio Costa trabalhou, de 1934 a 1936, na tradução do Código Internacional de Sinais, presidindo a comissão de Marinha que levou a cabo tal missão.

Depois, em 1942, quando os navios brasileiros foram afundados nas águas nacionais pelos submarinos do Eixo, Dídio Costa foi chamado ao serviço ativo e enviado em missão urgente para Washington, para uma tarefa que só um gigante intelectual poderia executar, naqueles dias tormentosos em que soprava o vento da guerra e da destruição.

— Trabalhar célere, ao lado de um oficial peruano que dominava o Espanhol e o Inglês e ao lado de oficiais americanos, na elaboração de um Código de Comunicações possível de ser utilizado entre as Forças Navais das Repúblicas Americanas empenhadas na causa aliada para vencer a II Guerra Mundial.

— Era trabalho de Hércules, e Dídio Costa executou sua missão a tempo de servir para a intercomunicação dos navios aliados que patrulhavam o Atlântico Sul e defendiam vidas brasileiras contra a brutalidade dos ataques dos submarinos hitleristas.

— Quantas noites não foram consumidas, por um homem de idade como já era, na desesperada junção dos sinais marítimos que haveriam de tornar operacionais os avisos entre um navio e outro, pertencentes a países diferentes, de línguas diferentes, mas empenhados todos numa só e urgente tarefa: a de defender as águas atlânticas, para os barcos que transportavam civis pacíficos e cargas de comércio, da sanha criminosa dos homens do Eixo?

— Por esse feito cumularam de honrarias sobre o bravo paranaense: o presidente da República promoveu-o ao elevado Posto de Contra-Almirante; concedeu-lhe o título de Grão-Mestre da Ordem Militar Naval e a Medalha

Humanitária, destinada àquele que com sacrifício da própria vida, salva a do semelhante, movido pelo amor além do dever.

— O Governo dos Estados Unidos fez citar, na fé de ofício do novo Almirante, toda sua admiração pelo feito do oficial brasileiro, num documento firmado pelo próprio Ministro Frank Knox, chefe da Marinha Americana e que reli, com carinho e respeito, ao preparar esta alocução.

Tal tarefa fez que com ele, Dídio Costa — de historiador passasse a fazer parte da História Naval Brasileira — tendo seu retrato inaugurado, com destaque, no Serviço de Documentação Geral da Marinha. Então o herói descansou.

Foi reformado, a seu pedido, por doença, em 1949 e em 1953, falecia, aos 71 anos, no Rio de Janeiro, onde repousam seus restos mortais.

Neste ano, em que comemoramos o centenário de seu nascimento, Dídio Costa está sendo lembrado como um sábio que o Paraná deu ao Brasil. E um herói, que a Nação Brasileira reconheceu, ao lhe conceder a Medalha Humanitária, por dedicação em serviço de guerra.

Paranaguá, que já nominou uma rua de “Comandante Dídio Iratym Affonso da Costa”, presta-lhe homenagem das autoridades e do povo, neste mês de agosto. Guarapuava, onde nasceu, terá lembrado o nome de seu filho ilustre; Curitiba, além desta sessão magna na Casa do Povo Paranaense, assiste uma sessão solene da Academia Paranaense de Letras, que ele exaltou nela participando. No Rio, conferências e artigos estão destacando sua memória. Aqui, a família que ele se orgulha, está congregada, nesta data, em missa de Ação de Graças ao Senhor.

Ação de Graças porque um homem bom viveu entre nós. Porque tivemos entre nós um sábio que falava cinco línguas; que escreveu 40 obras publicadas; que recompôs com a pena brilhante a história naval de um povo que ainda está por descobrir o seu mar, que na hora da angústia colocou o seu saber a serviço da salvação de sua pátria, ajudando a criar um código de sinais que juntasse navios de diferentes países na defesa comum.

Eis aí o perfil do antigo representante do povo paranaense nesta Casa, por várias legislaturas e, especialmente, representante do povo de Paranaguá, cujos interesses soube sempre defender, como Prefeito Municipal, Capitão dos Portos e Diretor da Escola de Aprendizes Marinheiros e, Chefe da Fiscalização das Obras do Porto daquela cidade.

Acrescente-se ao meritório dessa atividade no antigo Congresso Legislativo e na região litorânea, a monumental obra que deixou como jornalista, escritor e inigualável historiador das glórias da Marinha Brasileira. E que ireis ver, nesta Casa, em exposição retrospectiva que a bondade dos meus Pares houve por bem organizar no salão nobre.

Ressalte-se, ademais, a presença do paranaense, do brasileiro e do patriota, para solução dos problemas e debates das questões de interesse nacional.

Ao deferir a realização desta sessão magna, Senhores Deputados, vós construístes um alicerce sólido para as novas gerações verem e sentirem a figura altaneira de um escritor brilhante, de um estudioso exemplar, de um herói da Pátria, de um dos mais ilustres paranaenses de nosso século; o sempre lembrado Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa!

Obrigado.”

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Esta Presidência tem a honra de conceder a palavra ao Professor Dídio Costa Rocha Loures, neto do Almirante homenageado e representan-

te da tradicional família.

O SR. DÍDIO COSTA ROCHA LOURES — (Lendo): “Excelentíssimo Doutor José Hosken de Novaes, vice-Governador do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Senhor Governador Ney Braga;

Excelentíssimo Senhor Deputado João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa;

Excelentíssimo Senhor Desembargador Heliantho Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Doutor Clodemir da Costa Lima, Presidente do Tribunal de Alçada do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Deputado Augusto Carneiro, Primeiro Secretário desta Casa;

Excelentíssimo Senhor Deputado Tadeu Lúcio Machado, representante do Senhor Segundo Secretário desta Casa;

Excelentíssimo Senhor Coronel Mateus Monte Serrat, representante de Sua Excelência o Senhor General Paulo Campos Paiva, Comandante da 5.ª Região Militar e da 5.ª Divisão do Exército;

Excelentíssimo Senhor Tenente Paulo Talina Barreira, representante de Sua Excelência o Senhor Capitão de Fragata Ronald Rocha Barros, Capitão dos Portos do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor Doutor Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência o Senhor Engenheiro Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba.

Senhores Representantes da família do Almirante Dídio Costa;

Minhas Senhoras;

Meus Senhores.

Minhas primeiras palavras são de profundo agradecimento à homenagem que ora os senhores prestam à memória do Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa, quando se registra o centenário de seu nascimento. Sua presença na história do Brasil e do Paraná são um permanente motivo de orgulho e admiração para todos os seus descendentes.

Creio ser desnecessário me fixar na biografia do homenageado, já devidamente registrada aqui no discurso do eminente Deputado Renato Bueno. É por isso que prefiro fixar-me em aspectos mais importantes para nossa família: nas suas atitudes exemplares em todas as atividades que se envolveu e na sua personalidade capaz de influenciar as diversas gerações que lhe sucederam.

Nesses tempos difíceis que todos enfrentamos, onde são cada vez mais raros os casos de reconhecimento aos nossos valores culturais, a vida do Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa assume realmente a posição relevante que poucas pessoas hoje têm conhecimento. Não se trata deste acontecimento apenas, de uma homenagem isolada que o Legislativo paranaense presta a um de seus ex-membros. E, sabemos todos, não é apenas pelo fato do Contra-Almirante Dídio Costa ter sido membro desta Casa, de 1923 a 1925, que hoje sua memória é reverenciada. Se fosse assim, nossa família não estaria sendo distinguida com o reconhecimento à sua existência profícua, em homenagens no Rio de Janeiro ou em Paranaguá, onde chefiou o Executivo municipal.

Para nós, na verdade, o que ficou da vida de Dídio Costa foi muito mais do que sua atuação na Marinha de Guerra do Brasil. Muito mais do que seu importante papel como jornalista e historiador. O que herdamos dessa personalidade indiscutível não se resume à criação do Serviço de Documentação Geral da Marinha Brasileira, à fundação da Academia Paranaense de Letras, à colaboração ao Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Também não foram as medalhas, títulos e outras honrarias recebidas por ele em vida, como a Medalha Militar de Ouro ou o título de Grão-Mestre

da Ordem Militar Naval.

Mais importante do que tudo isso, para nós, foram os valores morais que herdamos. Foi o exemplo de modéstia, de integridade e responsabilidade no trato de todos os assuntos com que se envolveu. São exatamente esses valores, hoje tão esquecidos e desprezados, que recebemos gratuitamente, e que temos obrigação de transmitir alto e bom som, para que fiquem como exemplo para as futuras gerações.

Sabemos que homenagens desse tipo são raras e isto ainda mais nos envaidece diante de tamanha distinção a este nosso ilustre antepassado. Mas os exemplos recebidos do Contra-Almirante Dídio Iratym Affonso da Costa nos levam a despirmo-nos de toda vaidade, para fazer um apelo no sentido de que os valores morais que ele tanto difundiu e ensinou não sejam esquecidos. Para que a pobreza cultural de nosso país seja gradativamente substituída pela valorização dos nossos melhores intelectuais.

Vivemos hoje um tempo em que a história contemporânea é escrita diariamente através da televisão e dos demais meios de comunicação. Fazer história hoje não exige tanto do indivíduo como na primeira metade do século, quando o historiador precisava ser partícipe dos acontecimento ou a eles ter acesso por fontes mais do que fidedignas. O historiador precisava ter o espírito absolutamente isento para ter condições de transmitir a verdade dos fatos como realmente eles ocorreram. Só o fato de ter se proposto a esta tarefa, e com o zelo que devotou à sua missão, já colocariam o Contra-Almirante Dídio Costa no patamar dos grandes homens deste século.

Dídio Costa, a quem carinhosamente eu e outros netos chamávamos de "Vozito", faleceu quando eu tinha apenas 12 anos. Naquela época, não tinha percepção suficiente para avaliar a sua enorme importância e compreender muitos de seus exemplos.

Posteriormente, com o passar dos anos, tive a felicidade de refletir sobre eles, compreendendo que seus ensinamentos me eram transmitidos diariamente pela minha mãe Rachel. E são exatamente essas lições de integridade, responsabilidade e seriedade que hoje eu me esforço para transmitir aos meus filhos.

Não se pode esquecer também a sua atuação para demonstrar que aos integrantes das Forças Armadas não cabe apenas o papel de defesa da soberania nacional. Sua vida é uma prova irrefutável de que seus membros também podem e devem dar uma enorme contribuição no campo cultural e intelectual. Isto ele demonstrou sobejamente ao longo de sua existência.

Queremos portanto, nesse momento, lembrar primeiro a figura do chefe de família exemplar, transmitindo valores dos mais elevados para todos os descendentes. Fazemos questão de ressaltar as virtudes morais do militar, historiador e jornalista. E deixar registrado nesta Casa que os bons exemplos não só frutificam como não deixam de ser reconhecidos. Se em vida não obteve as homenagens que mereceu, hoje, quase trinta anos após sua morte, assistimos a essa prova de que o esforço que se desenvolve pelo bem comum nunca é em vão.

Muito obrigado."

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Convidó os presentes, após o encerramento da presente solenidade, visitarem no Salão Nobre, a exposição de comendas, medalhas, relíquias e obras do ilustre historiador paranaense, pertencentes ao acervo do Ministério da Marinha no Rio de Janeiro, colocados por Sua Excelência o Almirante de Esquadra, Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, Ministro da Marinha, à disposição desta Casa.

Agradeço em nome deste Poder Legislativo, a presença das ilustres autoridades civis, militares e eclesiásticas, demais pessoas e em especial, dos familiares do Almirante Dídio Affonso da Costa que tanto bilhantismo deu à solenidade.

Da mesma Comissão anteriormente designada, solicito que acompanhe Sua Excelência, o Senhor José Hosken de Novaes, Vice-Governador do Estado, representante do Governador do Estado, durante a sua permanência no "Palácio 19 de Dezembro".

Convido os presentes a ouvirem o Hino do Paraná, após o que estará encerrada a presente Sessão.

Levanta-se a sessão.